BOM DIA FURG 18.05.1992

Bom dia. Rio Grande, 18 de maio de 1992. Ouça nesta segunda-feira.

Retorna à FURG o professor João Sarkis Iunes, depois de doutorado na Escócia. A Assembleia da APTA-FURG fica em aberto e pode sair greve ainda nesta semana. Vamos relembrar os principais assuntos da última semana com relação à Universidade do Rio Grande.

A FURG esteve presente em seminário em Morro Redondo. O Serviço de Apoio ao Ensino de Ciências tem atividades de educação ambiental. O Hospital Universitário recebeu verba emergencial de Brasília.

Este foi o principal assunto do Bom Dia FURG da última terça-feira. Iniciada a Semana da Enfermagem, na quarta-feira, e o DEA de Engenharia debateu Ecologia e Congresso da UNE. Também na quarta-feira, iniciou Exposição Científica Promovida pela FURG, 18ª DE, e ISMEC.

A APTA-FURG realizou a Assembleia na quinta-feira e o Museu Oceanográfico já expõe o Esqueleto da Baleia Azul. Sexta-feira, 15 de maio, o Bom Dia FURG anuncia que será no sábado a homenagem à professora Liubá Diprá. O curso de Preparação para o Parto e o Trabalho do Serviço Social no Hospital Universitário.

E FURG abre à comunidade curso de Mergulho Autônomo Ecológico. Retornou à Universidade do Rio Grande o professor João Sarkis Iunes, do Departamento de Química. Ele esteve por três anos na Escócia, onde fez curso de doutorado.

O que o senhor trouxe dessa experiência, professor Iunes? Depois desses três anos de trabalho, quando eu realizei meu doutoramento no Departamento de Ciências Biológicas da Universidade de Dandi, eu acredito que eu trouxe uma série de técnicas modernas que podem ser aplicadas nessa área de ciência que se chama biotecnologia. Essa é a sua área? Exatamente, é uma área recente em que procura utilizar, aplicar organismos vivos, por enquanto que eles estão vivos, sem levar o organismo à sua morte. É basicamente a aplicação do organismo para produzir compostos químicos para o bem da humanidade, no caso.

O senhor aplica em que disciplina, em que curso essas técnicas? Bom, a princípio, parte dessas técnicas que eu utilizei para realizar minha tese de doutoramento, eu pretendo repetir nos cursos de mestrado e futuramente no doutoramento em Oceanografia Biológica, que está em implantação aqui na FUG. Também a nível de ensino de graduação de bioquímica para o curso de Oceanografia Biológica da Universidade do Rio Grande, aqui em Rio Grande, e em uma série de palestras que eu pretendo organizar em outras instituições no Brasil, em Porto Alegre, em São Paulo, para as quais eu já fui convidado. Qual é especificamente a área e temas das suas teses de doutorado? Eu trabalhei com a produção de aminoácidos por algumas algas aquáticas chamadas cianobactérias.

As cianobactérias eram conhecidas como algas azuis ou cianofícias no passado e há 10 anos atrás, em 1976, elas passaram a ser consideradas bactérias por possuírem mais características de bactéria do que propriamente de uma planta. Com isso facilitou o cultivo, a adoção de técnicas de cultivo de bactérias a essas algas, facilitaram a sua manutenção no laboratório e a sua classificação no laboratório. Com isso trouxe grandes facilidades para o seu estudo e essas cianobactérias ou cianofícias ou algas azuis passaram a ser estudadas em níveis que até aquele momento, 20 anos atrás, não haviam sido testadas.

Por exemplo, começou-se a estudar níveis de genética, de biologia molecular, fisiologia, fitoquímica, aplicação em medicina, coisas que sem ter culturas no laboratório eram muito difíceis de se poder realizar. O estudo de organismos vivos trouxe vantagens, progressos ao estudo dos seres vivos? Exatamente, por exemplo, uma das ocorrências clássicas que a gente tem foi há dois anos atrás um grupo trabalhando num hospital em Londres detectou que existe nas algas azuis um composto que inibe o crescimento do vírus da AIDS. Então com isso houve um grande boom de investimentos para que diversos laboratórios no mundo inteiro passassem a cultivar essas algas azuis em laboratório e tentassem detectar a presença desse composto químico para que maiores estudos fossem realizados.

Por serem bactérias, também elas são muito viáveis a estudos de genética, manipulação do DNA que é o composto central das células que retém o código genético e todos os processos de manipulação dos genes que normalmente são utilizados com bactérias podem também ser realizados com cianobactérias. Professor, o senhor esteve três anos na Escócia, Universidade de Dundee, como é que o senhor viu as experiências, as pesquisas, os estudos, a forma de se estudar lá, é um outro mundo completamente diferente aqui do nosso, do que a gente está acostumado, diferente da nossa realidade, como é que o senhor colocaria essa diferença, como é que está a qualidade do estudo, do ensino, da pesquisa na Escócia em relação ao Brasil? Bom, a princípio os cursos de doutoramento e de mestrado no Reino Unido, que inclui a Escócia, a Inglaterra, o País de Gales e a Irlanda do Norte, os cursos são basicamente um treinamento em ciência, o que eles procuram é treinar o indivíduo a fazer ciência, então eles colocam o estudante num laboratório muito bem equipado e procuram dar todos os recursos para esse estudante, uma biblioteca com todos os tipos de publicação que possam ser necessários, como já disse, os equipamentos, reagentes químicos e abandonam o estudante lá por três anos dentro do laboratório. O estudante tenta, com a sua capacidade, com o pouco que ele tinha de experiência antes, procurando em diferentes metodologias, na biblioteca e em outros trabalhos da sua área, formas de vencer aquela sua proposta de trabalho inicial, no caso seria a sua hipótese de estudar, a grande diferença para o ensino no Brasil talvez seja o acompanhamento da orientação, que já é um fator clássico, no Brasil o orientador trabalha muito junto do seu orientado e na Europa essa orientação tende a ser bem mais distante, há casos típicos de estudantes brasileiros ou estrangeiros que passaram três a quatro meses sem ver o seu orientador e quando ele encontra o seu orientador geralmente ele tem que marcar um horário.

Uma audiência. Uma audiência, mais ou menos assim, essas seriam as grandes diferenças, mas o aspecto principal seria a quantidade de recursos disponíveis para a pesquisa e a maneira com que essa pesquisa é aplicada rapidamente e é assimilada rapidamente pelo mundo científico, o que se está fazendo durante um mês, possivelmente no próximo mês já vai ser possível de ser publicado, apresentado no congresso internacional e receber as críticas, o reconhecimento é rápido, é isso que eu quero dizer. Muito obrigado pela sua participação, bom dia a todos.

Professor Ilionis, alguma informação a mais da comunidade universitária e da comunidade geral? Não, só queria aproveitar, agradecer a Universidade Rio Grande por ter me proporcionado esses três anos de estudos lá, também agradecer ao Ministério da Educação, a CAPES, que me deram uma bolsa para realizar esses estudos a nível de doutoramento. Na última quinta-feira foi realizada a Assembleia do Sinteste, sessão sindical APTA-FURG. Está conosco no estúdio do Bom Dia FURG um dos coordenadores da APTA-FURG, José Flávio Ávila.

Quais foram os resultados dessa Assembleia? Bom dia Rosane, bom dia ouvintes da Rádio Universidade. Os principais pontos que nós debatemos na Assembleia foram um de consumo mais interno, que é a questão da eleição para reitor, que deve se dar aí neste ano. O outro ponto foi o projeto de mena constitucional número 56, que a gente chama de PEC 56, que tramita no Congresso Nacional, que prevê, antes dessas coisas, a possibilidade da privatização das universidades e um indicativo de greve.

Já que, a nível nacional, nós temos, desde o dia 13, 12 universidades em greve. Este fim de semana nós ainda não recebemos os informes, é possível que outras já estejam entrando em greve. Mas o último informe que nós tínhamos é de 12 universidades em greve no Brasil.

E aqui na FURG também há a possibilidade de haver a paralisação, a greve mesmo? Nós estamos, a partir de hoje, iniciando uma campanha forte de esclarecimento a todos os nossos colegas e também aos outros segmentos das universidades, estudantes, principalmente, que são muito incidentes à sua organização, sem que desse étano oposto a uma nova diretoria. E estamos trabalhando em conjunto com os professores, no sentido de esclarecer sobre este projeto que é nefasto para as universidades, e tentar que alguma mobilização venha a ser feita para uma possibilidade de que nós também ingressamos em um movimento de greve. Com relação à eleição para reitor, qual é a posição da APTA FURG? Nós tiramos, em Assembleia, uma posição que não aceitaríamos, de forma nenhuma, qualquer retrocesso com relação à eleição passada.

Ou seja, que a escolha fosse feita pela comunidade universitária, em eleição direta, com uma proporção de um terço, um terço e um terço. Nós tínhamos uma proposta que avançava um pouco mais nesse ponto, mas numa comissão de negociação, junto com a APTA FURG, em que participou também a atual presidente do Diretório Central de Estudantes, nós definimos alguns parâmetros unitários, que seriam justamente as regras da eleição passada, ficando apenas para

discutir alguns pontos com relação a como seria apresentada as chapas de inscrição. Nós não podemos aceitar, de forma nenhuma, depois de muito tempo de luta, tentando nós escolhermos o nosso reitor, que esse processo voltasse aos moldes antigos, e ser feito num colégio eleitoral, onde pouquíssimas pessoas, que não eram escolhidas para a comunidade, mas sim porque ocupam cargos, alguns tipos de cargos na universidade que fazem parte desse conceito, desse colégio eleitoral, que poderiam escolher em nome da comunidade universitária.

Luiz, vocês entendem que essa é a forma mais democrática de se escolher o reitor? Na concepção da Assembleia Geral da APTA FURG, que é encampada pela direção, nós entendemos que a forma mais democrática seria ainda, talvez, o voto universal, onde todos dentro da universidade tivessem o mesmo peso de voto, votando segundo a sua consciência, naquelas propostas que acreditassem ser as mais avançadas, as melhores para a universidade naquele momento. Mas, fazendo uma avaliação geral do quadro conjuntural que nós temos hoje, nós atentamos para essa possibilidade de que haja um retrocesso, existem pessoas na universidade apostando nesse retrocesso. Então, nós estamos nessa posição conjuntural que nós temos hoje, avaliamos que teríamos mais possibilidades de garantir um processo de consulta nas mesmas moldes da eleição passada, do que tentar impor agora o voto universal.

Que, na nossa concepção, é o mais avançado, o mais democrático, e a gente espera um dia poder chegar lá. Uma dúvida que eu acho que muita gente ainda tem é que, da atual forma, como foi eleito o atual reitor, por exemplo, a escolha final ainda é do MEC. A escolha final, infelizmente, ainda é do MEC, que a legislação, assim, exige.

Mas são apontados três candidatos da preferência da comunidade. Sexto plano. Seis candidatos.

Então, por exemplo, nesse sentido, é que saia uma chapa, que os seis nomes que vão para o MEC, que seriam enviados ao MEC, sejam, na verdade, nomes de uma mesma chapa, ou seja, que representem uma mesma ideia a respeito da universidade, uma mesma proposta para a universidade. E desses nomes, aí, se houvesse a escolha por um ou por outro, isso é uma coisa que nós estamos discutindo ainda com a direção da Procurg, se houvesse a escolha de um ou de outro, a ideia... Então, essa é a forma que nós estamos encontrando agora. E estamos pedindo apoio de toda a comunidade, para que se manifeste, no sentido de impedir que esse retrocesso antidemocrático venha efetivamente a ser implementado dentro da universidade.

A questão salário e isonomia salarial, como é que foi debatida na Assembleia, e quais as decisões? Bem, Osvaldo, essa questão é uma questão muito delicada. Porque, veja só, a proposta de isonomia que o governo está apresentando é uma proposta de isonomia por baixo. Os menores salários é que serviriam de parâmetro para a isonomia.

Nós não concordamos com isso. No mínimo, temos que chegar a uma média. Mas, o perigo para a universidade é justamente aquele projeto que eu te falei de emenda constitucional.

Porque hoje, vamos supor que hoje, segunda-feira, o projeto de isonomia seja aprovado no Congresso Nacional. Mesmo que nós venhamos a ter algum ganho, que não é o caso, que a nossa tabela entre o serviço público só tem uma pior do que a nossa, que nós viessemos a ter algum ganho, se amanhã esse projeto de emenda constitucional for aprovado, esse projeto de isonomia para nós não tem validade. Porque, nesse projeto de emenda constitucional que o governo tramita no Congresso Nacional, nós estamos com as seguintes condições.

Cada universidade vai ter um percentual X do orçamento do MEC para com o seu orçamento. Dentro desse orçamento, ela tem que pagar pessoal, tem que fazer os investimentos de capital, manutenção, compra de material. Todas as despesas da universidade sairão desse percentual.

Muito bem. Acaba a isonomia por quê? Vamos supor que aqui na Universidade do Rio Grande a gente faça uma greve para o aumento de salário. Como a luta deixa de ser com o MEC e passa a ser com a universidade, o nosso aumento salarial pode ser diferenciado da Universidade Pelotas, da Universidade de Porto Alegre, da Universidade do Acre.

Pode ser diferenciado. E acaba a isonomia. Então, acaba literalmente a isonomia.

Para nós, o mais importante, em primeiro lugar, é evitar que esse projeto de MEC passe. O projeto de isonomia, para nós, nesse momento, tem que ser secundário devido a esse fato. Porque a gente pode, como a gente falou na Assembleia Quinta-Feira, soltar foguetes no dia que for aprovada a isonomia porque a gente possivelmente vem a ter algum ganho e no dia seguinte está chorando porque não existe isonomia para nós.

Essa é a realidade que está colocada. E mais, esse projeto é muito perigoso para toda a universidade, não só para os trabalhadores da universidade, professores e técnicos, como para os próprios estudantes. Porque esse projeto prevê, por exemplo, que se esse volume de verba que vem para a universidade não for suficiente para custear as suas despesas, ela vai ter que buscar recursos em algum lugar.

Vamos supor que a universidade consiga vender projetos para arrecadar verba. Mas essa verba arrecadada não é suficiente para manter. De onde vai tirar esse recurso? Certamente vai ter que voltar a cobrar matrícula dos estudantes.

E mais, se mesmo assim não for suficiente a cobrança das matrículas e mais a venda de projetos para arrecadar recursos, esse projeto prevê a possibilidade de que as universidades entrem em falência. Ou seja, entrando na universidade em falência, vão fechar os cursos, principalmente aqueles que têm mais dificuldade de vender projetos, ou seja, os que não têm condições de dar mais... Voltados à área humana. A área de artes, letras, pedagogia.

Isso aí são cursos que não têm condições de vender projetos. Certamente esses são os primeiros a fechar. Certo.

É um caminho, na opinião de vocês, para a privatização total das universidades? Assim do nenhum. As universidades mais fortes, aquelas que hoje têm maior... que são mais antigas, maiores, que têm mais produção científica, elas vão ter maior volume de verbas. Consequentemente, isso vai fazer o quê? Com que possam pagar melhor os seus profissionais.

Então, os profissionais das universidades menores, que vão ser menos remunerados, vão deixar essas universidades para, no mínimo, tentar passar para as universidades que pagam melhor. O que acontece? As melhores cabeças, tanto docentes como técnicos, vão se evadir das universidades menores. Com isso, a qualidade do ensino, a produção científica é menor.

Consequentemente, vem menos verba. Vindo menos verba, você vai pagar pior. É um círculo vicioso que a gente não sabe onde vai levar.

Sem dúvida nenhuma, vai levar à privatização e, em alguns casos, à falência de algumas universidades. E mesmo nos cursos mais voltados à produção científica e tecnológica, o volume de pesquisas estaria mais centrado em pesquisas que interessariam à iniciativa privada, no caso. A pesquisa pura poderia acabar.

Sem dúvida. Sem dúvida, porque os cursos que sobrevivessem a esses todos teriam que se voltar para projetos de pesquisa que pudessem ter mercado. E, muitas vezes, um projeto de pesquisa pura pode vir a ter mercado daqui a talvez 10, 15, 20 anos, às vezes até mais.

Os produtos que hoje estão sendo colocados no mercado levaram anos e anos de pesquisa. O Laser é um exemplo. Hoje está em várias áreas, medicina e várias outras áreas sendo aplicadas, levou anos de pesquisa.

E, se não tem recurso para manter o curso durante aquele tempo, não tem como fazer pesquisa pura. Então, certamente, é um perigo muito grande que venha a ser aprovado esse projeto de medicina condicional. Bem, José Flávio, com todos esses assuntos que levaram, se não me engano, quase 5 horas de assembleia, essa assembleia ficou em aberto até o final dessa semana? Sim, nós deixamos a assembleia em aberto porque, a qualquer momento, podem chegar de Brasília informações novas e urgentes que nós tenhamos que convocar a comunidade e os nossos filiados para um novo debate, nova sessão de esclarecimento sem assembleia geral.

Nós marcamos já uma próxima sessão para quinta-feira dessa semana, mas podemos ser a qualquer momento anteacervados porque a situação, efetivamente, é grave. Nós sabemos que, para o amendo condicional, se não me engano, são dois terços dos votos que têm que ter favoráveis, mas é um risco muito grande que está se correndo. E o Bom Dia Furga encerra hoje por aqui.

Estaremos de volta amanhã. Até lá!